

ENTREVISTA COM O REITOR DA UFPI

Prof. Pedro Leopoldino

Em uma descontraída entrevista concedida em junho/2001 aos professores do DECON, Samuel Costa Filho e Tiago Cardoso Rosa, o reitor da Universidade Federal do Piauí, Pedro Leopoldino, falou para o jornal do Departamento de Economia sobre o provão, a autonomia universitária e a integração da universidade com os setores dinâmicos da sociedade. O reitor disse, ainda, que sente, às vezes, isolado dos demais membros da universidade, mas que as portas da reitoria nunca estiveram fechadas para sugestões. A transcrição das fitas foi realizada pelas alunas do

*Curso de Comunicação Social/UFPI,
Fábia Adriana Vieira e Sileli Rocha.*

IE: O SENHOR É A FAVOR DA INTERAÇÃO DA UNIVERSIDADE COM OS SETORES DINÂMICOS DA SOCIEDADE, COMO FORMA DE DEFINIR O PERFIL DO PROFISSIONAL?

RPL: Acredito que não podemos ficar trancados aqui numa redoma. Precisamos ficar articulados com o mundo exterior, para que a gente possa tomar conhecimento daquilo que passa lá fora. A universidade passou muito tempo fechada, achando que era a dona da verdade, que produzia aquilo que a sociedade necessitava. Nos países onde a universidade nasce da base para o topo as coisas acontecem de forma diferente. A universidade americana, por exemplo, só cria um curso num determinado local, quando ela entende que aquele curso, realmente, é necessário. Aqui no Brasil, nasce um curso porque a elite pensante resolve criar aquele curso sem que seja feito um estudo de demanda. E o pior é que não há uma articulação da universidade com o setor produtivo, no sentido de que nós adequamos a formação dos nossos profissionais as reais necessidades que há lá fora. Nós precisamos acabar com esse isolamento, que só faz dificultar, para aqueles que sai daqui, o exercício da profissão lá fora. Eu estou de acordo que a universidade se abra mais ainda e participe efetivamente das discussões, estabelecendo um contato maior com os mais variados setores da sociedade.

IE: O SENHOR ACHA QUE UM 'A', NO PROVÃO, PODE GERAR PARA O ALUNO MAIS OPORTUNIDADES DE EMPREGO?

RPL: O provão como instrumento isolado eu critico. Entretanto, nós precisamos entender que vivemos daquilo que a sociedade dita para nós, e, hoje, o provão é o que ranqueia as universidades. Pedimos, então, aos alunos que participem efetivamente, porque eles são os grandes prejudicados depois. O curso de economia saiu de "B" para "A", isso é uma demonstração que o curso está melhorando. Acredito que nós devemos levar em consideração isso sim. Vocês estão longe de imaginar a reputação que ganhou o curso de medicina da UFPI, inclusive fora do Brasil. Recebi uma ligação do reitor de Coimbra para firmar um convênio. Ele viu que o curso de medicina da UFPI tinha se destacado

entre as demais universidades do Brasil. Devo está indo lá brevemente para possibilitar a ida de alunos, professores e servidores. Foi assinado um intercâmbio com a universidade de Coimbra.

IE: SE A NOSSA UNIVERSIDADE ESTIVESSE ATRELADA A OUTROS SETORES, UM "A" SERIA MUITO MAIS SIGNIFICATIVO, NÃO É VERDADE?

RPL: Sem dúvida, mas há por parte de alguns setores uma certa discordância com relação a isso. Muitas vezes você coloca um estudante para realizar um estágio em um determinado local e os indivíduos acham que nós estamos substituindo mão-de-obra. Estamos, inclusive, com um processo em andamento. Fui procurado duas vezes pelo Procurador do Ministério do Trabalho, por achar que estamos colocando gente para fazer aquilo que o profissional deveria está fazendo. Na verdade, esta é uma oportunidade ímpar. Eu, quando era estudante de medicina, passei quatro anos trabalhando. Adquiri conhecimentos que depois devolvi a sociedade prestando serviço. Não vejo porque esta fiscalização sobretudo na área de comunicação, onde a universidade tem as suas deficiências. Nós não temos ainda equipamentos modernos. Estamos comprando. Eles devem está chegando brevemente. Mas os nossos alunos precisam ter contato com o que está lá fora, conhecer o que está lá fora ou então nós vamos sair daqui ignorantes. Na verdade, o indivíduo está agregando conhecimento para amanhã chegar lá no serviço e saber fazer.

IE: O QUE A AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA VAI TRAZER DE POSITIVO PARA A NOSSA UNIVERSIDADE?

RPL: Penso que tudo, desde que ela seja bem estabelecida. Nos moldes que a proposta está vindo, acredito que é um salto no escuro, sobretudo para as pequenas universidades que ainda não dispõem de meios para fazer o auto-financiamento. Não se pode trabalhar a autonomia universitária sem se discutir o financiamento público a fundo. A autonomia, neste instante, no modo que está sendo colocada, é tirar a responsabilidade do governo federal e colocar em cima do reitor. Os salários vão ser discutidos com o reitor dentro de recursos limitados. Como que eu posso discu-

tir com você salário, se você quer melhoria salarial, eu não recebo recursos e não gero receita? As pequenas universidades pagariam, se esse projeto fosse aprovado, um tributo muito alto. Existem universidades, no entanto, que possuem renda de mais de 100% do que o tesouro repassa para elas. Cito como exemplo a UNB, UFMG e a UFRJ. Hoje, elas se beneficiariam porque o orçamento amarra em certo ponto. Elas não podem utilizar os recursos onde querem. Mas no momento que tiver autonomia, estas universidades vão poder utilizar aquele recurso da forma que bem entenderem. A UFPI só tem três, quatro, no máximo cinco por cento de receita própria gerada com muito sacrifício. Nós não teríamos jamais condições de entrar numa autonomia da forma que está aí. Acho que seria excelente se nós tivéssemos uma garantia de financiamento; um plano de cargos e salários; se tirassem da folha de pagamento os aposentados. Para receber o recurso que estou recebendo, hoje, com os aposentados, e aposentando mais gente pelo sistema antigo, como que eu vou fazer isso? Não tem como fazer.

IE: O QUE REPRESENTA PARA O SENHOR, EM TERMO DE MELHORIA DA ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE, A EXPERIÊNCIA ADQUIRIDA NA ADMINISTRAÇÃO PASSADA?

RPL: O que a pessoa acumula de conhecimento exercendo um cargo deste é algo inestimável. Tanto é que nos Estados Unidos o reitor sai de uma universidade e vai ser reitor em outra, porque o Estado investiu muito naquele cidadão durante muitos anos. Não estou defendendo aqui que este cargo seja perpétuo. Acredito que este revezamento é salutar porque renova. O medo que eu tenho nessa segunda gestão é que ela já comece envelhecida. Eu tenho procurado reunir os pró-reitores e dizer: vocês ficaram e eu fiquei, mas nós estamos começando uma nova etapa de nossas vidas. Temos que pensar diferente. Estamos pensando nos problemas das licenciaturas, estamos entrando no projeto Genoma, que eu acho que é uma coisa que vai dar um realce muito grande a universidade. Estamos trabalhando para concluir o hospital da universidade, que é um sonho da comunidade universitária. Parece-me que, graças a Deus, no próximo ano, a gente encerra com essa história de obra física, pelo menos os

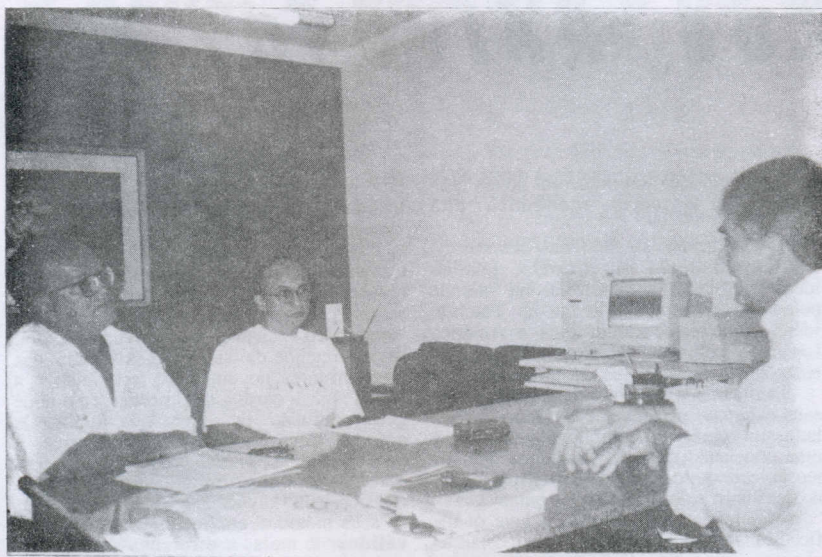


Foto: Eloísa Veras

recursos já estão aí garantidos para isso. A universidade nunca se basta. Nós temos sempre algo a fazer. Mas é uma experiência acumulada que tenho, quatro anos, e eu vou colocar essa experiência a serviço da universidade com o mesmo entusiasmo que eu tive antes. Isso é fundamental, não se pode perder o entusiasmo. Você tem que utilizar três faculdades: a inteligência, a emoção e a vontade de fazer. Isso é importante. Eu continuo com o mesmo entusiasmo que entrei e tenho procurado contagiar as pessoas que ficaram com esse entusiasmo para que a gestão não envelheça logo.

IE: COM RELAÇÃO A ESSA ADMINISTRAÇÃO ATUAL, QUAIS SERIAM AS ESTRATÉGIAS QUE ESTÃO SENDO POSTAS EM PRÁTICA, PELOS NOVOS DIRETORES DE CENTROS, PARA A MELHORIA DO ENSINO?

RPL: Eu acho que as sugestões são muito poucas. Nós poderíamos ser mais alimentados de sugestões, de boas sugestões. Na verdade, eu, às vezes, me sinto isolado com relação a isso. As pessoas discutem muito a democracia dentro da universidade, mas esperam que as sugestões partam daqui para lá. Na verdade, essa porta nunca esteve fechada, durante esses quatro anos para ninguém. Chegou aqui com uma boa idéia, essa idéia será posta em prática dentro dos limites da instituição. universitária. Eu me sinto, às vezes, isolado. Peço aos diretores de Centro critérios de curto, médio e longo prazo, para que a gente melhore curso a curso. O papel do diretor, em alguns casos, tem sido só de despachante. É preciso uma participação mais efetiva.

IE: COMO O SENHOR TEM SENTIDO OS RESULTADOS OBTIDOS NO PROVÃO? COMO O SENHOR AVALIA O DESEMPENHO DOS CURSOS DA UFPI?

RPL: A UFPI figura, no nordeste, entre as melhores. O maior perfil de notas A e B foi da região sul do país-40%. Nós ficamos com 41,5%. Estamos acima da maior média nacional de notas A e B. Isso é um dado importantíssimo. A universidade cresceu. A universidade me-

melhorou. Ela era 37º do Brasil, passou para 33º em 99. O provão tem mostrado para a sociedade que a universidade pública ainda é a elite do ensino de terceiro grau do Brasil. Se alguém tentou, através do provão, provar o contrário, o tiro saiu pela culatra. Na verdade, nós provamos que somos eficientes e eficazes. Apesar de todas as deficiências que nós temos, ainda nos destacamos no cenário nacional.

IE: FALE SOBRE O CRONOGRAMA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO.

RPL: São três etapas bem distintas: a obra física, a parte de equipamentos e depois pessoal. Nós terminamos a obra física do laboratório e estamos montando os equipamentos. Depois de montado os equipamentos, nós vamos paralelamente criar uma comissão que vai estudar a necessidade de pessoal, ver o que nós dispomos, para levar para o Ministro da Educação a solicitação de contratação do restante. Já tem numa ordem de dois milhões de reais de equipamentos. O que há de mais moderno foi colocado. São quarenta consultórios. Poderão ser atendidas 1200 pessoas por dia. Tudo vai poder ser feito aqui. A minha esperança é que ao sair, eu deixe o hospital em condições para funcionar.

IE: QUAL O SEU POSICIONAMENTO A RESPEITO DA TITULAÇÃO DE PROFESSORES?

RPL: Nesse instante, estamos com um problema mais sério dentro da universidade: a força de trabalho. Estamos com a nossa força de trabalho bastante reduzida, trabalhando com professores substitutos. Nossa grande preocupação é com a força de trabalho definitiva - contratar professores para colocar no lugar dos professores substitutos. Essa é a preocupação n.º 1 hoje. Como a autonomia está próxima para se estabelecer, nós vamos, cada departamento, dentro dos recursos, estabelecer qual o percentual de titulares ●

Entrevista concedida pelo Prof. Pedro Leopoldino em junho/2001.

Uma jornada de resistência

Por Merlong Solano Nogueira
Vice-presidente da ADUFPI, Professor do Departamento de Geografia e História/UFPI e Mestre em História pela PUC/SP

Entre os dias 23/08 e 07/12/2001, os professores da UFPI somaram-se aos professores das demais universidades brasileiras, desencadeando um amplo movimento de resistência da Universidade Pública. Em que pese os sacrifícios decorrentes de um fato desta natureza, a sociedade compreendeu as razões dos docentes e, por meio de apoio difuso aos mesmos, questionou a intransigência do governo federal.

Ao final da jornada restaram conquistas parciais, dentre as quais destacam-se a contratação, através de concurso público, de 4 mil professores nos próximos 2 anos e o aumento do vencimento dos docentes em cerca de 13,2%, resultando em uma majoração de cerca de 9% do salário total, que somam-se aos 3,5% do reajuste geral dos servidores públicos. Ficaram também aceitas a manutenção do RJU e melhorias na GID (a gratificação de docência do pessoal de 1 e 2 graus).

São conquistas parciais; mas agregam-se à resistência da universidade pública. A contratação de professores efetivos, por exemplo, traz para a academia novos mestres e doutores e reduz o número de substitutos em atividade.

O impacto da greve nacional docente e os resultados obtidos demonstram o peso do sindicato nacional dos docentes, ANDES, mas na mesma medida indicam a dimensão de sua responsabilidade. Daí decorre a necessidade de revisão de certos procedimentos que no caso em tela, por exemplo, prolongaram a greve mais do que o necessário. É preciso também colocar em exame a pauta histórica de reivindicação docente: em que medida justificam-se, por exemplo, o reajuste trimestral de salários e a intocabilidade do RJU?

Organização, greve, reivindicação, proposição, construção coletiva. São conceitos-chaves. Combiná-los na medida exata, sob o tempo da responsabilidade da universidade pública perante a sociedade, é uma necessidade que deve se sobrepor ao corporativismo e ao doutrinário que se julga revolucionário ●